

A AUTODESCOBERTA DO SER NEGRO POR MEIO DA PIGMENTOCRACIA

Joana Soares Gomes
PUC-Rio
joana.soaresg@hotmail.com

Apresenta-se aqui uma perspectiva em andamento sobre o processo de construção racial de (ex) alunos considerados “pardos” ou negros de pele clara ao ingressarem na universidade, bem como em sua permanência, baseado no conceito de pigmentocracia. Com isso, busquei refletir sobre o desenvolvimento identitário desses indivíduos diante de um território elitizado e majoritariamente branco, em particular, em uma universidade privada da cidade do Rio de Janeiro. Como objetivos específicos para esse estudo, busco verificar se a construção racial tem contribuições somente do próprio ser ou se origina da concepção (também) do outro; como alunos que antes se enxergavam “pardos, morenos ou não negros” desempenham suas atividades na academia como indivíduos negros; quais fatores influenciaram nessa descoberta; o porquê dessa percepção de ser negro não ter sido antes identificada/autoafirmada; se existem fatores específicos que auxiliam no processo da autoidentificação racial; e se há privilégios envolvidos na autoafirmação de ser negro de pele clara. Por fim, analiso as percepções desses alunos e apresento as possibilidades de um universo majoritariamente branco como facilitador do reconhecimento racial. Goffman (1985) é introduzido na pesquisa, pois, ao afirmar que há diversas formas de um reflexo de si mesmo ser entendido por outros de maneiras diferentes, surgiu a necessidade de incorporá-lo ao contexto universitário, esse como precursor e/ou instigador desse letramento racial. Também utilizei de Hunter (2007), a qual discute o conceito de colorismo, permitindo que esse termo fosse explorado através de um arcabouço histórico e de estudos que comprovam um ciclo de vantagens aos negros menos retintos, no entanto, não descartando o racismo ainda existente independentemente da “classificação” de negro que o indivíduo se enquadra. Por fim, as pesquisas freirianas foram de grande utilidade, visto que considere a opressão vivida desses alunos em constante contato com pessoas majoritariamente brancas e de classe média alta: trata-se de uma consciência libertadora para ambos os lados – tanto para o oprimido quanto para o opressor.

Palavras-chave: Colorismo, universidade, identidade e narrativa.

A Escola Democrática Não Será interrompida! Discursos Sobre Raça e Gênero na Difusão de *Fakenews* Sobre o Caso Marielle Franco

Roberta Calixto
CEFET
robertasc.santos@gmail.com

Qual a função do espaço escolar? Essa é uma pergunta que tem suscitado muitos debates em tempos recentes no Brasil. Desde 2016, após o golpe que destituiu Dilma Rousseff de seu cargo na presidência da República, há uma grande investida no sentido de desmontar o programa pedagógico que vinha sendo construído desde 2003, quando o Partido dos

Trabalhadores assumiu pela primeira vez a liderança de nosso país. Na construção deste trabalho, trago duas das figuras que mais têm sido alvo constante de ataques devido ao avanço do conservadorismo em nosso país: Marielle Franco, mulher, negra, lésbica e periférica, eleita vereadora e brutalmente assassinada no ano de 2018, além de Paulo Freire, uma das maiores referências mundiais para pesquisadores dos mais diversos campos e patrono da educação brasileira, título que vem sendo contestado publicamente pela direita que saiu fortalecida no último processo eleitoral no Brasil. Alinhando-me à perspectiva freireana, compreendo que o espaço escolar deve se afastar da perspectiva hierárquica e conteudista e que uma formação ampla e efetiva de cidadãos passa por construir reflexões críticas sobre os discursos que circulam na sociedade atual. Desse modo, parto da concepção bakhtiniana de linguagem como elemento indissociável da atividade humana e de gênero discursivo como a forma pela qual o discurso se organiza (FIORIN, 2006) para trazer à tona um gênero que tem se fortalecido no cenário nacional e internacional: as *fakenews*. A partir de considerações sobre as particularidades deste gênero e tomando como corpus as notícias falsas que circularam após o assassinato da vereadora, aliadas às noções de linguagem como intervenção (ROCHA, 2016) e de polifonia (BAKHTIN, 2000), é possível construir uma reflexão crítica sobre os discursos eminentemente machistas e racistas acerca de raça e gênero que ainda são constitutivos da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Fakenews, Discursos, Raça, Gênero, Educação, Racismo.

A MARGINALIZAÇÃO DO ESTUDANTE DISLÉXICO NO AMBIENTE ESCOLAR: A MANUTENÇÃO DA ESTRUTURA CENTRO-PERIFERIA NA ERA DA SUPERDIVERSIDADE

Talita Roseti/ Glauber Lemos
PUC-Rio/ INES-PUC-Rio
talita.roseti@gmail.com/ glauberlemos@gmail.com

Marcada pela intensificação de uma trepidante globalização, a modernidade recente é caracterizada por uma série multidimensional de processos que criam, multiplicam e intensificam câmbios e interdependências sociais (Streger, 2003). Kumaravadivelu (2006), diante disso, observa questões quanto à distância, ao tempo e à fronteira: ao passo que os dois primeiros diminuíram, a última parece desaparecer. Nesse contexto, numerosos movimentos conectam comunidades, configurando o mundo, conforme Estefogo (2017), em uma aldeia superdiversa. A *superdiversidade* (Vertovec, 2007) faz referência à “diversificação da diversidade” e, se ela é uma realidade em todos os lugares, avança para dentro dos ambientes pedagógicos. Institucionalmente, entretanto, conforme Candau (2011), a escola ainda apresenta postura monocultural e, segundo Earp (2007), ela se configura como espaço topografado em uma estrutura centro-periférica. Nela, estudantes disléxicos, por apresentarem idiosincrasias, enfrentam dificuldades para desenvolvimento. Este trabalho, assim, tem como objetivos: (1) analisar, nas narrativas de jovens disléxicos, quais estratégias contribuem para a construção da marginalização do diferente em uma estrutura centro-periférica; (2) criar inteligibilidades sobre inclusão e exclusão escolar na era da superdiversidade. A perspectiva teórica situa-se em estudos da Narrativa (Labov, 1972; Linde, 1993, Oliveira e Bastos, 2001) e da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006, 2013; Fabrício 2006). São também utilizados estudos sobre *accounts* (Garfinkel, 1967; Scott e Lyman, 1968; Buttny e Morris, 2001), e diálogo construído (Tannen, 1989). A metodologia, qualitativa interpretativa (Denzin e Lincoln, 2003), acontece no âmbito da entrevista de

pesquisa (Mishler, 1986). Os *dados* para análise constituem-se de entrevistas realizadas no contexto de uma pesquisa mais abrangente. Os resultados atuais apontam para um uso recorrente de diálogos construídos e de *accounts* que revelam que, enquanto as fronteiras do mundo globalizado constantemente se diluem, as barreiras presentes na escola resistem e periferizam na tentativa de neutralizar a (super)diversidade, o que assinala a relevância desse estudo: a necessidade de reconstruir práticas educacionais que, hoje, não se revelam plurais.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia; Narrativa; Exclusão; Centro-Periferia; Superdiversidade.

A Normatização do Racismo Ambiental nos discursos dos Livros Didáticos de Geografia

Ula Cristina de Lima Sarmento Vilela/ Isabel de Souza Ribeiro
CEFET
ulavilela@gmail.com

No contexto brasileiro deve-se compreender a territorialização que se impôs através do projeto colonial, fundamentado na invasão, exploração e escravização como uma prática estruturada no racismo onde os povos brancos, sujeitos dessa prática (racista), ao utilizarem historicamente a natureza como recurso a ser apropriado, dominado e explorado, interferiram direta e tragicamente nos sistemas culturais, sociais e econômicos de diferentes povos por eles racializados. Essas práticas que seguem se reproduzindo a partir de configurações variadas, continuam impondo, apesar das forças de resistência, a diferentes grupos/ povos no Brasil e no Mundo, condições ambientais insalubres e de risco que acabam por impossibilitar e, ou, dificultar a preservação de suas culturas, modos de vida e até mesmo de existência, consolidando assim a prática do que conhecemos por “Racismo Ambiental”. Nesse sentido, o objetivo de nossa pesquisa em fase de desenvolvimento, é problematizar a construção, manutenção e normatização do Racismo Ambiental nos enunciados dos livros didáticos de geografia após a lei 10639/03 e, mais especificamente, aqueles aprovados no último edital do Programa Nacional do Livro Didático. A metodologia de pesquisa é a análise do discurso Bakhtiniana e o aporte teórico inclui importantes estudiosos da análise do discurso, bem como das questões étnico-raciais que debatem a questão do Racismo Ambiental. Dessa forma, optamos por analisar livros didáticos da disciplina de Geografia por entendermos a relevância que deveria ter a questão do racismo ambiental para esta ciência, já que a Geografia é a ciência que tem por objeto de análise o espaço geográfico e suas transformações a partir das relações entre as sociedades e a natureza considerando as variadas instâncias (culturais, econômicas, sociais, geopolíticas, dentre outras).

Palavras-chave: Racismo ambiental, Livros didáticos, Geografia, Análise do Discurso

A participação de vozes plurais nos movimentos sociais contemporâneos: um estudo sobre assimetrias de gênero e narrativas de resistência

Naomi Orton
PUC-Rio
naomiorton@hotmail.com

A proliferação de movimentos sociais que se organizam em uma estrutura dita horizontal vem despertando a imaginação daqueles que questionam as formas atuais de fazer política. Esta tendência suscita a questão de saber até que ponto sujeitos diversos encontram voz em meio a esses grupos. Visando lançar luz sobre esta questão, esta pesquisa qualitativa interpretativista debruça-se sobre as lutas urbanas contemporâneas, tomando as práticas discursivas de cicloativistas engajados em grupos de debate no Rio de Janeiro como seu objeto micro. Com o intuito de ouvir vozes que tradicionalmente se encontram na periferia da esfera pública (Fraser, 1997, 2002), o estudo propõe uma “escuta autoetnográfica” (Clifford, 1986). Para tal, prioriza-se a seleção de narrativas de resistência contadas por ativistas mulheres a partir de um corpus de gravações realizadas de 2016 até o presente momento. Sua microanálise tem por objetivo compreender a negociação de significados durante o engajamento na prática narrativa (Georgakopolou, 2006), bem como possíveis diálogos com as contingências macrosociais que posicionam os atores sociais de forma diferenciada nas interações. As práticas identitárias identificadas nos dados selecionados sugerem que as narradoras desestabilizam concepções essencialistas de gênero que circulam no nível macrosocial, contestando assimetrias convencionais e reivindicando a criação de relações mais simétricas, – tanto no nível micros social das interações investigadas, como na sociedade mais ampla em que o movimento busca efetuar mudanças (Bucholtz & Hall, 2004; Cameron, 2005). Isso posto, o questionamento destas performances por outros participantes aponta para um conflito sutil, o qual emerge a partir da dinâmica entre práticas de resistência e relações de poder convencionais (Bourdieu, 2002 [1977]). Dessa forma, a pesquisa aponta para a urgência de direcionar um olhar crítico à produção de eventuais agressões microdiscursivos nos movimentos sociais, com vistas a fomentar a participação de vozes plurais e assim, a criação de práticas transformacionais (Camarena, 2013).

Palavras-chave: gênero, narrativa, interação, resistência, pluralidade.

**‘AS FERRAMENTAS DO SINHÔ NUNCA VÃO DERRUBAR A CASA GRANDE’:
ALTERNATIVAS DE(S)COLONIAIS EM LINGUAGEM E TRADUÇÃO**

Roberta Calixto/ Luísa A. Peixoto
CEFET/RJ
robertasc.santos@gmail.com
0.luiza.peixoto.0@gmail.com

No Brasil, país onde o racismo fez parte do passado e faz parte do presente, não é surpresa a constatação de práticas de apagamento da população negra em todas as esferas sociais. Assim sendo, podemos entender de onde vem o (não) espaço dado por editoras aos autores negros e negras no mercado editorial, seja de publicações nacionais, seja de livros traduzidos. Entendemos que a linguagem é, acima de tudo, uma prática social (BAKHTIN, 2011), não sendo apenas diretamente impactada pelo contexto de sua produção, como também intervindo diretamente na realidade (ROCHA, 2006) e, portanto, tendo um papel fundamental na luta por voz dos grupos marginalizados. A partir dessa constatação, e fundamentadas pelos estudos de tradução (BASSNETT & LEFEVERE, 1990) trazemos uma análise discursiva (MAINGUENEAU, 2005) de uma tradução marginal do texto *The master’s tools will never dismantle the master’s house*, de Audre Lorde, feita por Tatiana Nascimento, com o entendimento de que não existe “tradução isenta” e, portanto, a importância de considerarmos

o contexto do qual fala o tradutor (NASCIMENTO, 2017). Dessa forma, refletimos não somente sobre o papel que cumpre a existência das traduções marginais, ao furar o bloqueio imposto pelo mercado editorial, como também as possíveis diferenças entre as traduções comerciais e traduções marginais com engajamento político. Em tempos de avanço do conservadorismo, da censura e dos ataques à pluralidade de pensamento, discutiremos o potencial dessas traduções em democratizar conhecimentos produzidos fora das esferas hegemônicas - provenientes de grupos subalternizados, como pessoas de cor, LGBT+, terceiromundistas e mulheres.

Palavras-chave: Linguagem, Literatura afro-diaspórica, Traduções Marginais, Mulheres Negras, Resistência

**"As Minorias se Adequam ou Simplesmente Desaparecem":
Discurso e Políticas de Morte**

Douglas Santos/ Yasmin Barros
PUC-RIO
dsnts91@gmail.com/ yasminbc16@gmail.com

A percepção da constante evocação do termo *fascismo* em meio ao contexto político contemporâneo é nosso ponto de partida, em função da ampla busca por maiores entendimentos acerca de seus sentidos nas ferramentas online de pesquisa no ano de 2018 – especialmente próximo ao primeiro e ao segundo turno das eleições. Sua associação se dava especialmente ao candidato que hoje exerce a presidência do país, Jair Bolsonaro. Neste trabalho, buscamos levantar hipóteses que sustentam a necessidade de recorrer à palavra *fascismo* para definir uma figura política, trazendo à tona relações de poder, concretizadas através dos conceitos de biopolítica, pensado por Michel Foucault, e necropolítica, de Achille Mbembe, que consolidam práticas de vida e morte e discursos de verdade. Os paralelos traçados a partir das falas e ações apresentadas, além de outras sobre as quais não pudemos nos debruçar, refletem a forma como o poder e a necropolítica operam: em grande consonância com regimes antidemocráticos que ecoam práticas fascistas. Muito mais do que apenas apontar adjetivações de modo ofensivo, buscamos com esta pesquisa suscitar reflexões e provocações em torno dos mecanismos que se desenvolvem por trás das faces de execução do poder pela extrema direita brasileira, que, não buscando desvencilhar-se de tais acusações, segue oferecendo material para os que traçam linhas entre suas ações e postulados e o campo semântico do fascismo, aprofundando as tentativas de buscar circunstâncias que sustentem o uso do termo.

Palavras-chave: Fascismo; Necropolítica; Poder; Jair Bolsonaro.

**Avaliação e (re) construção de identidades em narrativa sobre a construção
de uma casa na Rocinha: entre o sofrimento e a superação.**

Maria Aline Silva Martins
alinemartins.clari@hotmail.com
PUC-Rio

Este trabalho, de cunho autoetnográfico (REED-DANAHAY, 1997; ELLIS, 2004), tem por objetivo analisar a (re)construção de identidades em uma narrativa de um membro de minha família, cujo tema centra-se no processo de construção de nossa casa na favela da Rocinha. Buscando entender como o participante (re)elabora suas experiências, analiso seu discurso narrativo com vistas a observar seus posicionamentos diante dos fatos relatados. Inserida na área da Linguística Aplicada Contemporânea (MOITA LOPES, 2006) em interface com a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2004), a pesquisa fundamenta-se na visão de discurso como co-participação social (MOITA LOPES, 2002), norteador também pelos pressupostos de teorias da narrativa (LABOV, 1972; BASTOS; BIAR, 2015), pelos estudos sobre identidades (MOITA LOPES, 2003; 2002) e sobre avaliação (LABOV, 1972; HUNSTON; THOMPSON, 2000; 2006; NÓBREGA, 2009) para a identificação e a interpretação dos itens avaliativos explícitos e implícitos (MARTIN, 2000) emergentes nos dados. Os dados foram gerados em abril de 2019, em entrevista gravada, por uma amiga mestranda da área de Geografia, cujo o propósito era a criação do corpus de sua dissertação. Seguindo o paradigma qualitativo-interpretativo de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006), para este estudo, foram selecionados fragmentos desta interação, analisados a partir da ferramenta de análise textual proposta pelo sistema de avaliatividade (MARTIN, 2000; MARTIN; ROSE, 2007; WHITE, 2004) - com foco no sistema de atitude (e subsistemas de afeto, julgamento e apreciação) e de gradação. Entendimentos parciais ilustram que ao contar suas histórias, o participante (re)constrói suas identidades elaborando um discurso de luta e sofrimento, que se reconfigurará em um discurso de superação e conquista no que concerne à construção de nossa casa na Rocinha.

Palavras-chave: Análise de narrativa, identidades, avaliação, sistema de avaliatividade.

Como chegamos aqui? Acesso de mulheres negras aos programas de pós-graduação stricto sensu das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro

Natalia Conceição Viana
UERJ
vianacnatalia@yahoo.com

O presente resumo refere-se a uma pesquisa em andamento e que tem como tema a trajetória educacional de mulheres negras. Ao longo das últimas décadas, o ensino superior brasileiro tem sofrido transformações significativas no que se refere ao perfil dos discentes dos cursos de graduação. Contudo, apesar dos avanços promovidos especialmente após implementação das políticas de ações afirmativas no sistema educacional brasileiro, fruto da articulação política estratégica do movimento negro, ainda são observadas desigualdades no acesso de mulheres negras aos programas de pós-graduação stricto sensu das universidades públicas do país. Nesta pesquisa, objetivamos discutir sobre as estratégias construídas e/ou mobilizadas por mulheres negras para o acesso a estes espaços em suas trajetórias educacionais. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória, por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres negras pós-graduadas em programas stricto sensu relacionados às áreas da saúde e do direito das universidades públicas federais ou estaduais localizadas no Estado do Rio de Janeiro. Devido a intersecção dos efeitos da discriminação racial e de gênero, mulheres negras enfrentam obstáculos que reforçam representações estigmatizadas inscritas sobre seus corpos, sendo confrontadas com discursos e práticas que as deslegitimam e desautorizam, pondo em dúvida a validade, originalidade e relevância de suas produções ao posicioná-las, “em termos culturais, bastante distante da vida

mental” (hooks, 1995). Concluimos que as mulheres negras, ao buscarem enfrentar em suas trajetórias as opressões raciais e de gênero vivenciadas, ainda dependem de estratégias criativas e articuladas com suas redes de apoio que assegurem condições de acesso e permanência, bem como de visibilidade e sustentabilidade ao trabalho intelectual desenvolvido nos programas de pós-graduação.

Palavras-chave: Mulheres Negras, intelectuais negras, interseccionalidade, pós-graduação stricto sensu.

CONTRA HEGEMONIA E MÍDIA NEGRA (E) LGBTI: DIÁLOGOS COM O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA E O CANAL MURO PEQUENO

Gabriel Merlim Moraes Vilela
CEFET-RJ
vilelagmm@gmail.com

Esta apresentação é um desdobramento de pesquisa do PIBIC-Ensino Médio do CEFET-RJ, que visa analisar a construção discursiva de mídias que lutem contra a hegemonia branca e heterocisnormativa, considerando a construção dos caminhos da interseccionalidade negra e homossexual em dois períodos e *mídium* diferentes. Para tal, propomos uma análise discursiva da edição de número 15 do ano 2 do Jornal Lampião da Esquina - jornal de temática LGBTI na década de 1970, no período da ditadura militar brasileira -, e do vídeo “#HomemNegro 5: Bichas pretas e a masculinidade” - produzido por youtubers que abordam debates sobre as condições sociais as quais estão submetidos -, de modo a compreender a construção de suas resistências discursivas às opressões, tanto na década de 1970 quanto atualmente. Assim, tendo como base perspectiva da linguagem-intervenção (ROCHA, 2006), recorreu-se a um referencial teórico baseado na Análise de Discurso de base enunciativa francesa (MAINGUENEAU, 2004), pautada sobre a compreensão de dialogismo (BAKHTIN, 2014). Além disso, considerando as relações de poder-saber e bio-necropolítica (FOUCAULT, 1978; MBEMBE, 2003), procura-se demarcar como as relações políticas pulverizadas atuam contribuindo para uma normatização do ser e para a docilização dos corpos, por meio de diferentes tipos de homofobia (BORRILLO, 2010) e racismo (HOOKS, 2019; ALVES, 2019), assim como também por meio de suas intersecções. Deste modo, entendendo as construções discursivas dessas mídias, podemos questionar o que pode-se considerar, de fato, como avanço social e o que continua a ser tema de disputas com a hegemonia branca e heterocisnormativa.

Palavras-chave: Mídia, Contra Hegemonia, Questão Racial, LGBTI, Discurso.

Discurso de Ódio na Mídia: o Racismo Velado do Brasileiro

Victória Paz dos Santos
CEFET
vicpazsantos@gmail.com

O objetivo desta pesquisa é problematizar a cobertura da mídia dos casos atuais de violência urbana no Rio de Janeiro – Brasil, relacionando o poder da imprensa na construção de idéias com os discursos de ódio que ecoam pela sociedade, principalmente, contra as pessoas marginalizadas socialmente. A princípio, tendo como base a impossibilidade da

imparcialidade dos enunciados, serão analisados os discursos presentes no comentário, extraído da plataforma digital YouTube, da jornalista Rachel Sheherazade durante um programa de abrangência nacional, com ênfase na discriminação racial implícita. Entre as razões para escolha desse tema está, por um lado, ascensão do discurso de ódio contra os transgressores, que ameaça os direitos humanos, enquanto que por outro, o papel dos meios de comunicação na construção de verdades a partir da maneira que retratam os acontecimentos. Dessa forma, é de extrema pertinência entender como esses discursos são construídos e quais agentes sociais contribuem para sua difusão e aceitação. Através de uma perspectiva que objetiva dialogar um olhar antropológico com a análise do discurso, foi adotado como referencial teórico-metodológico os conceitos de discurso de Maingueneau (2002), os princípios bakhtinianos acerca do dialogismo e gêneros de discurso (2000) e as contribuições de Foucault para a análise do discurso (2012) . As análises regidas até agora nos direcionam a entender as estratégias adotadas pelos procedimentos editoriais dos jornais estudados e a construção de um posicionamento ideológico através dos mecanismos discursivos utilizados na narrativa das ocorrências. Assim, tais elementos se relacionam intimamente com as opiniões difundidas e o comportamento da população na atual conjuntura.

Palavras-chave: Racismo; Análise do discurso; Discurso midiático.

Do professor ao doutrinador, do trabalhador ao empreendedor: uma análise discursiva de sentidos de trabalho e trabalhador no universo neoliberal

Carolina Abreu Pereira de Oliveira
CEFET
carolapo16@gmail.com

Temos em vista que no contexto político atual torna-se cada vez mais necessária a participação ativa do estudante do Ensino Médio em iniciativas que estimulem sua formação crítica, podendo assim serem pessoas ativas na sociedade na qual vivem. Em tempos de fake news, pós-verdades e redes sociais digitais, que produzem e refletem a subjetividade de seus usuários, esta pesquisa tem como objetivo analisar a forma como os dois eixos que iremos abordar, trabalho e linguagem, são retratados nas mídias alternativas e redes sociais digitais, de modo a refletir a influência que as mesmas têm sobre as pessoas que delas usufruem. Nossa pretensão nesta pesquisa é analisar, sempre no âmbito dos Estudos da Linguagem, repertórios/discursos que abordam as questões referentes aos direitos dos trabalhadores, isto na mídia impressa e a maneira como esta repercute nas redes sociais digitais, tendo em vista uma compreensão dialógica dos discursos (BAKHTIN, 1979). A pesquisa tem como foco o trabalhador da área da educação, pautado neste "novo mundo" neoliberal. Assim os eixos apresentados neste artigo serão: 1) reflexão sobre os saberes acerca dos impasses contemporâneos em relação à previdência social e sua nova regulamentação, assim como os discursos voltados para as discussões sobre a educação a partir do movimento "Escola Sem Partido"; 2) conexão entre modos de produção de si e do mundo, com foco nas técnicas de controle social e estimulação coletiva e nas maneiras de resistência encontradas na atualidade; 3) discussão em torno da dimensão interventiva das práticas de linguagem em distintos suportes de diferentes semioses, a partir de noções como as de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997) e gêneros do discurso.

Palavras-chave: trabalho e trabalhador; linguagem; mídia hegemônica.

ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS

Fabiano Aparecido Sales Lima
UFRJ
fabianoasl@yahoo.com.br

Este trabalho, intitulado *Estratégias de persuasão em publicidades de alimentos ultraprocessados*, tem o objetivo de focar o fenômeno da “patemização” em publicidades brasileiras de alimentos ultraprocessados, impressas na revista *Veja*, edição nacional. Trata-se de um estudo que se baseia, fundamentalmente, na Teoria Semiolinguística do Discurso (TSD), de Patrick Charaudeau (2000, 2010), lugar teórico-metodológico em que se concebe o *pathos* como uma visada de efeito. Apoiando-se nesse arcabouço teórico, suscitou-se a hipótese de que estratégias de persuasão, predominantemente argumentativas, estariam relacionadas ao âmbito das emoções. Ademais, considerando-se a interface com as áreas de Comunicação, de *Marketing* e de Nutrição, levantou-se a hipótese de que fatores de persuasão – imagéticos e/ou discursivos – seriam empregados com o propósito de aproximar os alimentos ultraprocessados do discurso da alimentação adequada e saudável. No âmbito de Comunicação, serão utilizados, fundamentalmente, os estudos de Sant’anna (1977), Sandmann (1993), Carvalho (1996) e Vestergaard e Schröder (2000), apoiando-se nas concepções de propaganda e publicidade. No tocante ao Marketing e à Nutrição, serão utilizados como base os estudos de Kotler e Keller (2006), bem como o *Guia Alimentar para a População Brasileira* (2014).

Palavras-chave: Semiolinguística, Persuasão, Publicidade, Alimentos Ultraprocessados.

“Eu estou montada, Ru”: Dragnormatividade, male drag e a construção discursiva de indivíduos outsiders em RuPaul’s Drag Race

Anderson Andrade da Silva Marques
UNIRIO
aandrade012@gmail.com

Pensando a performance *drag* com base no conceito de paródia proposto por Judith Butler em *Problemas de gênero* (2003), o presente trabalho tem como objeto a existência de um padrão de performance *drag*, aqui referido como “dragnormatividade”, no *reality show* RuPaul’s Drag Race (RDR, 2009-) e a marginalidade que esse padrão cria. Embora no senso comum o *drag* seja uma performance de feminilidade “exagerada” realizada por um homem cis homossexual, entendo o *drag* como um conjunto de atos performativos que de certa maneira transgridem as postulações heteronormativas, não devendo haver, portanto, restrição quanto ao gênero ou a sexualidade da/o performer desde que sua performance contemple o caráter de paródia da ideia de gênero “original”. Entendo, ainda, RDR como uma manifestação

específica de um grupo social que como tal possui seus fenômenos e padrões próprios que resultam na criação de “insiders”, aqueles que performam o drag dentro dos padrões estabelecidos por RuPaul, e “outsiders”, aqueles que fogem desses padrões (BECKER, 2008). O objetivo do trabalho é investigar e analisar as performances drag presentes no programa a fim de traçar um quadro de normatividades praticado pelo painel de juradas/os do programa, com base em interações orais e seus atos de fala performativos (AUSTIN, 1990) com base nas teorias de face e polidez (Brown e Levinson, 2006). A pesquisa tem como recorte as práticas de *male drag*, e os resultados das análises apontam para a queda desta regra ao longo das temporadas, reforçando o apontamento de Becker (2008) sobre a necessidade de aplicação das regras para que estas permaneçam ativas, ressaltando também o caráter de resistência que tais práticas transgressivas apresentam.

Palavras-chave: drag; outsiders; face e polidez; dragnormatividade; RuPaul’s Drag Race

Feminilidades Periféricas: a mulher em cárcere

Milena Lepsch
letras.lepsch@gmail.com
PUC-Rio

Este trabalho tem o objetivo de discutir a partir de uma perspectiva micro de análise da narrativa (Bastos & Biar 2015; Labov, 1972) o *discurso feminino de adesão ao tráfico* no Rio de Janeiro, bem como o seu exponencial crescimento no contexto nacional (Barcinski, 2009). Para tal, apresento a análise de duas entrevistas semiestruturadas realizadas com detentas de uma instituição carcerária feminina localizada no Rio de Janeiro. Esta pesquisa parte de um estudo piloto realizado para o desenvolvimento de meu projeto de doutorado em que objetivo detectar nos discursos das detentas marcas de *estigma* (Goffman, 1988) e *opressão de gênero* (Cameron, 1999) possivelmente sofridos. Sigo, para tal, o estudo de Biar (2012) ao analisar o discurso de *adesão ao tráfico* em detentos de uma instituição prisional no Rio de Janeiro. Contudo, a linha condutora desta análise considera a mulher periférica como ponto de análise. Grupo já tão marcado por desamparo social, baixa escolaridade e subempregos (Mendlowicz e Figueira 2007). Em relação às funções que ocupam no tráfico, maior motivo de detenção no país, a maior parte é detida por acompanhar seus parceiros em atividades de baixa/nenhuma violência, como “mulas” (Barcinski, 2009). Ocupação que já demonstra submissão a uma atividade essencialmente masculina. Contudo, quando essas mesmas mulheres possuem poder no tráfico, o estigma social se mantém duplamente, por serem infratoras e por não sustentarem a imagem gentil e dócil esperada socialmente para uma mulher (Barcinski, 2009). Nestes termos, sob uma *perspectiva feminista*, (Cameron, 1999) este estudo pretende discutir, através das narrativas das internas, a violência estrutural e cultural a qual a mulher detenta é atingida, demonstrando de que forma o *estigma* e a *opressão de gênero* também são reproduzidos nos presídios.

Palavras-chave: feminilidades periféricas, opressão de gênero, estigma, instituição total, identidade.

**Identidades (in)traduzíveis:
apagamento de identidades não binárias em traduções do mangá Houseki no Kuni**

Felipe Duarte
PUC-Rio
felipe.duarte@puc-rio.br

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e criticar a forma como o elemento *queer* presente no mangá 宝石の国 (Houseki no Kuni), de Haruko Ichikawa, cujas personagens não possuem gênero especificado, foi mantido e/ou apagado em diferentes traduções; assim como discutir os obstáculos presentes na tradução desses elementos para línguas gramaticalmente generificadas como as neolatinas. Considerando o tradutor como autor e construtor de significado (ARROJO, 1992; VENUTI, 1986) e com base em teorias dos Estudos da Tradução *Queer* (LEWIS, 2010), foi feita uma análise comparativa entre três diferentes traduções: a tradução francesa, publicada pela editora *Glénat*, uma tradução amadora para a Língua Espanhola, feita por intermédio de *scanlation* (prática em que fãs digitalizam o texto-fonte, o traduzem e disponibilizam na internet); e uma tradução amadora em Língua Portuguesa, feita também por meio de *scanlation*. A análise dos dados demonstra que, ao ser traduzido para línguas neolatinas, as personagens do mangá tendem a ter o aspecto não binário de suas identidades apagado: foi atribuído o gênero feminino às personagens no caso da tradução para a Língua Portuguesa e o gênero masculino nos casos das traduções para as línguas Francesa e Espanhola, sendo essa última a única a abordar a questão do gênero das personagens de alguma forma. Com isso, elimina-se por completo a possibilidade de ler-se as personagens como *queer*. Contudo, a natureza binária do gênero gramatical dessas línguas impõe um grande desafio à realização de uma tradução *queer* do texto-fonte. Assim, esta pesquisa propõe uma tradução para a Língua Portuguesa que contorne essa categoria, tida como natural e pouco problematizada (BORBA & LOPES, 2018), de forma a dar visibilidade às pessoas não binárias ante a marginalização e apagamento causados por uma linguagem heteronormativa.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, gênero, tradução *queer*, tradução de mangás.

Identidade e religião – Análise narrativa da construção identitária de um afrodescendente evangélico

Alexandre Florêncio dos Santos
PUC-Rio
aflorencio_br@msn.com

O fenômeno de secularização do sistema social distingue-se da de seus atores, e é por isso que um número considerável de estudiosos da sociedade já abdicou da ideia de uma antinomia “religião X contemporaneidade”. A despeito disso a religião – entendida como um sistema de símbolos capaz (i) de suscitar poderosas motivações e disposições no homem, (ii) de formular concepções de ordem geral sobre a existência e (iii) de fornecer a tais concepções uma aparência de realidade, fazendo-as parecer se apoiar somente no real (GEERTZ, 1966; apud WILLAIME, 2012) – ainda tem sido um tema subestimado em muitos Programas de Pós-Graduação no Brasil, mormente naqueles cujo escopo é o estudo da linguagem. Nossa pesquisa busca criar entendimentos sobre os modos como indivíduos autodeclarados negros que abraçam a fé protestante constroem suas identidades, mormente no que tange ao aspecto relacionado à sua negritude, uma vez que identidades podem ser assumidas como um

fenômeno social e relacional que se estabelece em um jogo de semelhanças e diferenças em relação ao outro (FABRÍCIO e BASTOS, 2009). Inserindo-se no campo da Sociolinguística Interacional, no âmbito da Análise de Narrativas, nossa pesquisa busca, por meio de dados gerados através de entrevistas, identificar de que forma pessoas afrodescendentes autodeclaradas negras (pretas ou pardas) manejam crenças vinculadas ao protestantismo para lidar com sua negritude, e em que medida a condição de ser negro – que de modo semelhante às heranças históricas se constitui em um forte marcador das identidades pessoais e coletivas – aparece como aspecto relevante nas experiências cotidianas dos adeptos dessa religião.

Palavras-chave: identidade; negritude; protestantismo; religião; narrativa.

MAGISTÉRIO E CONFLITOS URBANOS: NARRATIVAS MARCADAS PELOS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA

Viviane Cavalcanti
vivicavalcantiletras@yahoo.com.br
PUC-Rio

Essa pesquisa toma como campo uma escola pública estadual localizada no estado do Rio de Janeiro e busca investigar e compreender por meio de construções narrativas e de posicionamentos (Bamberg, 1997, 2002) de seus professores/moradores de uma periferia, como estes constroem suas identidades, lidam com os desafios da violência e se posicionam em relação a Discursos circulantes sobre educação e violência. A pesquisa é, portanto, de base qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006), e propõe uma análise de viés autoetnográfico. Os dados gerados nas interações em entrevistas (Mishler, 1986) são analisados tendo como apoio a perspectiva teórica na Análise de Narrativa (Labov, 1972; Bastos e Biar, 2015), na concepção de micronarrativas (Bamberg e Georgakopoulou, 2008) e histórias de vida (Linde, 1993), focando em posicionamentos de ordem micro que dialogam com macrodiscursos. O suporte analítico apresenta as reflexões e noções sobre construção de identidade, estigma social e resistência (Ewick e Silbey, 2003). As análises apontam que: i) na interação, os narradores apresentam sua escolha profissional como um ato de resistência por já terem passado por desafios, sendo estes profissionais marcados por histórias de superação; ii) os narradores apresentam posicionamentos de identificação relacionados aos seus alunos e aos professores com quem estudaram e que são retomados como inspiração; iii) os professores encaram a sua profissão como um papel social e a violência no bairro como um descaso das políticas públicas.

Palavras-chave Escola Pública, Identidade de professores, Narrativas, Histórias de vida, Posicionamentos

Marcenaria para Mulheres – o hegemônico e suas forças sutis

Barbara Venosa
PUC-RIO
barbaravenosa@gmail.com

Este trabalho almeja apontar a necessidade de se voltar o olhar para a construção do discurso hegemônico, com foco em questões de gênero e de etnocentrismo, partindo do que de tão

cotidiano, passa despercebido. Um workshop de marcenaria para mulheres - no qual um professor homem interage com dez alunas mulheres – constitui o ponto de partida desta pesquisa. Sob uma ótica qualitativo-interpretativista não essencialista, as interações em questão serão geradas a partir de uma perspectiva etnográfica (Garcez 2015) de pesquisa, e analisadas à luz da Sociolinguística Interacional e da Análise de Narrativas. De forma a dar abertura para o potencial problematizador de questões latentes, a teoria *queer* (MOITA LOPES, 2013) constitui ferramenta indispensável para um olhar crítico sobre o tema. A fim de lançar entendimento sobre a constituição da visão etnocêntrica e verdades unívocas impostas pelo discurso dominante, os trabalhos de Maher (2010), Rocha (1988), Munduruku (2017) e Adichie (2019) serviram de norte para esta pesquisa. São ainda revisitados os conceitos desdobrados por Maria Cláudia Coelho (2016) acerca de *autoridade etnográfica*. Partindo de tais perspectivas críticas, observaremos, especificamente, como se faz, na construção das relações entre professor e alunas, a sustentação de hierarquias de gênero e de viés etnocêntrico sobretudo em relatos de narrativas dos participantes das interações. Assim, analisamos a performance dos envolvidos, examinando como se alinham nas sequências de enquadres da interação nas aulas de marcenaria em pauta. Foi assim possível observar estratégias discursivas utilizadas pelo professor na construção de sua performance e na manutenção de seu piso conversacional e como as alunas sustentam suas falas, percebendo a importância do contexto situado.

Palavras-chave: gênero; etnocentrismo; etnografia; performance; performatividade

“Não leia os comentários”: a disputa da narrativa sobre o assassinato de Marielle Franco nos comentários em mídias sociais

Fabiola Valle das Chagas Paschoal
PUC-Rio
fabiolapaschoal@gmail.com

Desde os tempos em que a internet engatinhava no Brasil, circula uma máxima: “não leia os comentários”. Esta pesquisa visa a desobedecer a esse conselho e analisar discursivamente os comentários em trajetórias textuais online. O foco é o caso da notícia da morte da vereadora Marielle Franco, publicada em março de 2018 na página do G1 no Facebook e nos interessa, especificamente, o modo como esses comentários se relacionam com a produção, circulação e disputa de certos discursos que marcam a polarização ideológica no cenário sócio-político contemporâneo. Os objetivos da pesquisa são: (i) mapear os comentários que sucedem o evento discursivo principal (a notícia sobre o assassinato da vereadora) e as redes de construção de sentido que esses comentários constroem no espaço virtual; (ii) identificar quais são os posicionamentos que habitam as caixas de comentários e as formações ideológicas que possam estar construindo tais discursos; (iii) investigar como esses comentários disputam a narrativa sobre o evento. Nos dados coletados, foi possível observar alguns padrões. Se, nos primeiros comentários de que se tem registro, figuram expressões de tristeza e emojis de choro, reações esperadas nesse tipo de evento, conforme a notícia foi ganhando repercussão, pode-se observar uma disputa curiosa. Foi observada uma clara divisão entre comentários enviesados para as chamadas “direita” e “esquerda”, a partir

da evocação de expressões-chavões que se repetem, evocação de outros políticos e figuras públicas, associação positiva ou negativa com outras e eventos notícias que circularam à época. Também é possível notar uma aparente tentativa de criar relações de causa e efeito entre o assassinato da vereadora e as causas defendidas por ela.

Palavras-chave: mídias sociais, Facebook, comentários, marielle, polarização

Narrativas de mulheres pobres: gênero, identidade e exclusão social

Fábio Fernando Lima
PUC-Rio
fabiofernandolima@uol.com.br

Partindo de pontos de convergência observados aprioristicamente entre a Análise da Narrativa, situada no contexto da proposta Socioconstrucionista para a Linguística Aplicada brasileira contemporânea (cf. MOITA LOPES, 2001, 2003, 2006), debruçada sobre a linguagem e sua relação com a vida social, por um lado, e a Análise Crítica do Discurso (ACD) (cf. FAIRCLOUGH, 1997, 2001, 2003, dentre outros), por outro, fundamentalmente o compromisso social e político que ecoa em ambas as vertentes teóricas, interessadas na desconstrução de práticas sociais injustas e na transformação dessas práticas, propomos apresentar nesta comunicação, resultados parciais de uma pesquisa que assume, como objetivo geral, estabelecer e explorar pontos de contato teóricos e metodológicos entre ambas as vertentes. Para tal, consideramos, em sintonia com Bastos e Biar (2015), a Análise da Narrativa enquanto uma prática de análise do discurso à luz narrativa, caracterizada por articular o estudo do discurso e da interação, e que ambas as abordagens partem da premissa de que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais geral. Nesse sentido, propomos que o modelo teórico advindo da associação entre a Análise da Narrativa e a ACD seja aplicado à análise de entrevistas colhidas pelo pesquisador em Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), com entrevistadas que apresentem atravessamentos de gênero, cor e classe social – no caso, mulheres negras, pobres, com baixa escolaridade e residentes em áreas periféricas, atendidas por programas socioassistenciais. Considerando a narrativa enquanto uma modalidade propícia para a emergência de questões atinentes à constituição das identidades sociais (cf. MISHLER, 2002; BASTOS, 2005; BASTOS; BIAR, 2015), caberá observar, dentre outras questões, como se constituem tais identidades, de que maneira se articulam os atravessamentos ora mencionados e, ainda, como se constituem as relações de poder em cada modalidade específica de interação.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Análise da Narrativa; Identidades; Avaliação; Feminilidades.

NARRATIVAS ORGANIZACIONAIS E AS ORDENS CONTEMPORÂNEAS DO DISCURSO: O ESTUDO DE CASO HINODE.

Allan da Silva Oliveira
FFP/UERG

Este trabalho tematiza o uso de narrativas como estratégia de discurso organizacional, a partir dos critérios da Análise do Discurso Crítica (ADC). Segundo Fairclough (1995), as ordens contemporâneas do discurso se caracterizam por uma padronização discursiva que acaba refletindo no discurso das organizações, tendo como consequência a falta de autenticidade que é manifestada em enunciados institucionais. A essa padronização é dada o nome tecnologização do discurso, teoria que servirá de base para a análise dos dados gerados. As narrativas, de acordo com Linde (2001), são um importante instrumento de aprendizagem de um conhecimento tácito que diz respeito à identidade do grupo: o que representa ser um membro e como ele deve ser. Trata-se de um processo no qual os membros de determinada instituição são motivados e capacitados a aprender a contar as histórias por eles mesmos. A natureza dessa ferramenta institucional leva ao questionamento central que motiva este trabalho: podem essas narrativas ser um instrumento da tecnologização do discurso? Os dados deste trabalho são provenientes da análise de palestras e treinamentos da empresa Hinode, uma empresa que se caracteriza, principalmente, pela venda de cosméticos e por sua estratégia comercial, baseada em uma atividade em rede conhecida como *marketing* multinível, (ou marketing de rede) cuja natureza levanta questionamentos concernentes à ética envolvendo esse tipo de negócio. O enfoque das análises estará nas origens das estratégias discursivas presentes nas enunciações, além das implicações éticas concernentes aos valores que são transmitidos nessas palestras e treinamentos.

Palavras-chave: Narrativas, análise crítica do discurso; *marketing* multinível; discurso organizacional.

O DIALOGISMO E A CONSTRUÇÃO DA UNIDADE LATINOAMERICANA: DIÁLOGOS COM A EMIGRAÇÃO E A “CRISE HUMANITÁRIA” VENEZUELANA

Gabriel Merlim M. V/ Luiza da S de Arruda
villelagmm@gmail.com/arrudaluiza00@gmail.com
CEFET

O conceito de unidade da América Latina pauta-se na análise de que os países que a compõem possuem períodos históricos parecidos, nos quais diferentes forças agiram, e agem, de modo similar sobre esses territórios (ZANATTA, 2017). Devido a tensões internacionais, instaurou-se, na Venezuela, uma crise política e econômica, que causou o aumento de fluxos emigratórios e diversas reações negativas dos países vizinhos. Esse evento serviu, então, como ponto de produção discursiva de diversos textos que - atuando na construção do próprio evento - produzem uma tensão que possibilita uma reflexão sobre o princípio de unidade latinoamericana, e a sua construção discursiva que ocorre, também, por meio de fatores relacionados aos alinhamentos de políticas externas, ou seja, dos movimentos no campo geopolítico. Para tal, buscou-se na compreensão de Linguagem-Intervenção (ROCHA, 2006), de dialogismo (BAKHTIN, 2014) e na Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 2004) um modo de entender como esse período, ao ser construído pela mídia, a partir da mobilização de diferentes vozes e interesses geopolíticos presentes na reportagem "*What Is Happening in Venezuela and Why It Matters*" do Jornal *The New York Times*. Desse modo, poderemos compreender como que a mídia (e a linguagem) (re)constroem tanto o ocorrido na Venezuela quanto a constituição da América Latina, posto

que elas encontram-se inseridas nas tensões no campo sócio político e, portanto, nas disputas de interesses por e nesse território.

Palavras-chave: América Latina, Venezuela, Discurso, Mídia.

O HINO E O SAMBA: VOZES E INDEXICALIDADES EM DISPUTA

Hellem Espíndola/ Clarissa Gonzalez
UNESA/ UFRJ

hellemse@hotmail.com/ gonzalezclarissa@hotmail.com

Desde a última campanha eleitoral, bandeiras brasileiras e o hino nacional, em uma suposta demonstração de amor à pátria, têm estado em evidência. Este clima patriota, indexicalizado nas falas de parte da população, foi reforçado pelo discurso do primeiro ministro da educação nomeado por Bolsonaro. Ricardo Velez, colombiano naturalizado brasileiro, em sua curta atuação frente à pasta mencionada, envia, em fevereiro de 2019, uma carta às escolas sugerindo que professorxs, alunxs e funcionárixs cantassem o hino nacional. Eles deveriam ainda registrar tudo em vídeo e enviar o material ao novo governo. Esta ordem-sugestão aponta para um Estado regulador dos sentidos de nacionalidade, em que a imposição do hino dá materialidade performativa a práticas de repressão e vigilância, funcionando como uma espécie de panóptico caleidoscópico. No entanto, o discurso sobre brasilidade e pertencimento se complexifica durante o carnaval: a Mangueira, escola que se sagra vitoriosa, sugere, em seu enredo, revisar “a história que a história não conta”. Esta pesquisa, ancorada numa perspectiva performativa de linguagem (Austin, 1962/1990) compara os dois eventos, fazendo um paralelo entre hino/samba, elite/ralé que atenta para as interseccionalidades em disputa (a que raça/classe/gênero, majoritariamente, o hino/o samba se dirigem). Como construto teórico-analítico, empregamos a indexicalidade (Silverstein, 2003). De modo embrionário, observamos que os sentidos nacionalistas mobilizados pelo hino imposto mascaram o fato de ser este um “forte símbolo da invasão europeia e do apagamento das identidades indígenas do país” (Butler, 2019), enquanto o samba da Mangueira aponta para uma reapropriação dos signos pátrios: na bandeira da escola cabem índios, negros e pobres, releitura de nossa história, como um convite-performance que inclui a ralé (Souza, 2017), aqueles que não cabem no projeto de Estado-nação do atual governo brasileiro.

Palavras-chave: samba/hino; elite/ralé; brasilidade; vozes periféricas; indexicalidade

“O que há aqui não é o que há de melhor, mas também não é o que há de pior”

Maria Haddock Lobo
maria.haddocklobo@gmail.com
PUC-Rio

Esta pesquisa se insere nos estudos da Antropologia Linguística, na chamada “terceira virada de paradigma”, qual seja o momento em que predomina o fluxo de valores indexicais (DURANTI, 1997). Busco assim articular autores que pensam esta movimentação dos textos, principalmente a partir de 1990 na cunhagem dos termos ENtextualização e CONtextualização (BAUMAN & BRIGGS, 1990), com reflexões sobre - e a partir da - Web

2.0 (O'REILLY, 2004), quando tais movimentos de indexicalização passam a ser operados pelos próprios usuários no uso de ferramentas das mídias sociais como “encaminhar” e “compartilhar”. Nestes gestos, gera-se este continuum, o próprio fluxo de onde surgem meus dados: um impactante discurso de resistência gravado em vídeo por um dependente químico em situação de rua, que reconheço como meu amigo de adolescência. Esta dissertação é assim também um relato afetivo-etnográfico de nossa última interação após a viralização deste discurso nas redes sociais. O tema maior nesta pesquisa posicionada e atenta às vozes do sul /vozes marginalizadas (MOITTA LOPES & RAMPTON, 2014) são as persistentes disputas narrativas envolvendo o paradigma da abstinência versus a Filosofia da Redução de Danos (PETUCO, 2014) no que tange os cuidados a usuários de drogas em situação de rua. São perguntas de pesquisa: como, ou por quê, neste caso, as entextualizações e indexicalizações derivadas da viralização acabam por apagar um destes discursos em detrimento do outro? Por que a cobertura midiática do caso aponta para o trajeto individual deste sujeito em detrimento do coletivo ao qual ele faz questão de demonstrar pertencimento em sua contundente fala?

Palavras-chave: Entextualização, indexicalização, redução de danos, dependência química

O Rolezinho do biopoder à biopotência

Hellem da Silva Espíndola
UNESA
hellemse@hotmail.com

Somos atravessados por controles e disciplinas que moldam nossos corpos e circulação pelos espaços. Contudo, segundo Foucault (1979/2002), os micropoderes são muitos, capilares e fomentadores de pequenas grandes guerras travadas diariamente. Foucault mapeou três mecanismos de poder que se apresentam ao longo da história: o soberano, o disciplinar e o biopoder. Neste trabalho, debruço-me em especial sobre conceito de biopoder porque, no que se refere à ocupação dos espaços e à circulação da população, este tipo de sociedade (biopolítica ou de segurança) encontra-se mergulhada na regulação da vida que vai do adestramento do corpo individual ao do corpo social. Assim, o biopoder diz respeito ao controle de uma coletividade e, no que tange aos espaços, opera sobre o domínio da circulação da população. Vida e poder se relacionam à medida que o biopoder faz viver e deixa morrer, elegendo vidas úteis e inúteis. Essa separação e hierarquização da vida origina muitas formas de racismo e preconceito, pois segue a lógica de que não há lugar para todos. Alguns devem, necessariamente, sucumbir, pois suas existências ameaçam as “vidas válidas”. A partir do evento conhecido como Rolezinho, reflito sobre as práticas biopolíticas que estão em jogo em nossa sociedade e observo uma dimensão de controle da vida em que a morte aparece como possibilidade. Analiso interações em sessões de comentários do portal de notícias G1 sobre a realização de um rolezinho no Rio de Janeiro, observando os embates de sentidos e as diferentes indexicalidades, delineadoras de modelos metapragmáticos diversos sobre os eventos. A “vida normal”, padronizada pela repetição de performances corpóeo-discursivas, torna-se fragilizada frente à circulação de seres tidos como desviantes (pobres, loucos, homossexuais, negros, favelados, funkeiros, rolezeiros) e, nesse processo, são fabricados medos que não são novos, mas que, pelos contatos exacerbados com alteridades na Internet, aumentam o pânico diante da diferença.

Palavras-chave: Rolezinho; biopoder; biopotência; indexicalidade; metapragmática; vozes periféricas.

O TEU CABELO NÃO NEGA
Construção discursiva de feminilidades não-brancas
em avaliação de narrativas de transição capilar

Ana Elisa Nascimento Watson
PUC-RIO
lisanascimentowatson@gmail.com

A pesquisa em andamento consiste em apresentar uma proposta de investigação para narrativas de experiências pessoais de transição capilar. O objetivo é interpretar como e de que maneira os movimentos avaliativos manifestados pelas participantes contribuem para a construção discursiva de feminilidades não-brancas. Para compreender como as participantes se constroem discursivamente como mulheres não-brancas, é preciso refletir acerca de um macro-contexto de estratificação racial. Cenário este que confere significados as suas escolhas linguísticas, possibilitando interpretações subjetivas das avaliações enquanto processo de construção de conhecimento acerca de si mesma, de suas experiências e do mundo. Foram entrevistadas 5 mulheres negras de diferentes backgrounds acadêmicos e profissionais. Como ferramenta de análise, utilizarei o sistema de avaliatividade a partir de uma perspectiva sociolinguística que possibilita interpretar a avaliação de forma multifuncional. Entendendo o ato de avaliar como mais do que um componente estrutural da narrativa, a análise pretende integrar as participantes - *seus processos subjetivos de construção identitária* -, suas escolhas linguísticas - *por meio de uma abordagem funcional orientada pela Linguística Sistêmico Funcional* - e o contexto - *considerando a influência de fatores socioculturais* - em seus processos narrativos. Este ensaio também pretende considerar a dimensão moral (LINDE, 1997 e OCHS e CAPPS,2001) dos movimentos avaliativos das participantes, com o objetivo de identificar como crenças e discursos hegemônicos acerca do imagético feminino se manifestam através da linguagem. É por meio da interpretação dos julgamentos de valor expressados pelas participantes, que a análise que segue visa compreender de que maneira as entrevistadas constroem a si mesmas e as suas experiências de transição capilar. É através da noção do “uso avaliativo da linguagem” (WHITE,2009:2) que esse ensaio pretende investigar em que medida esse movimento opera enquanto um processo de superação individual, uma experiência estética ou um mecanismo de enfrentamento e descolonização política.

Palavras-chave: transição-capilar, negritude, feminilidade, linguística, avaliatividade

ÓDIO METONÍMICO NAS PERIFERIAS DO PODER:
COMO UMA IMAGEM DE DILMA É ENTEXTUALIZADA/REEVENTUALIZADA
NA CAPA DE UMA REVISTA E NUM TWEET

Clarissa Gonzalez
UFRJ
gonzalezclariss@gmail.com

“Nunca antes na história desse país”. Este bordão, durante os treze anos de governo do PT, foi entextualizado diversas vezes. Nesse período, como poucas vezes antes, houve considerável pluralidade de discursos em circulação e vozes periféricas se fizeram ouvir. No entanto, a emergência de novos atores sociais na esfera pública brasileira parece ter assustado uma elite branca-patriarcal-cisheterossexual e de classe média-alta, preocupada com a manutenção do status quo. O ápice da tensão ocorreria com a reeleição de Dilma Rousseff. Nunca antes na história desse país, uma mulher havia se tornado presidenta. Dilma, além de eleita, em 2010, foi reeleita, em 2014. Isto, dentre outras questões, parece ter mexido com os brios desta elite, que rechaça tudo o que não é espelho. Em 2016, Dilma foi afastada do cargo. Temer, seu substituto, montou um ministério formado exclusivamente por homens brancos. Tendo em tela esse panorama, debruço-me sobre o modo como uma imagem da ex-presidenta é entextualizada (BAUMAN & BRIGGS, 1990; SILVERSTEIN & URBAN, 1996), ou seja, descontextualizada e logo recontextualizada, tanto por um veículo de mídia hegemônica (revista Isto é), quanto por um usuário do Twitter, que a utiliza para ilustrar um comentário em resposta a uma narrativa noticiosa sobre o impeachment produzida/compartilhada pela Globo News. Interessa-me identificar os efeitos de sentido produzidos, privilegiando a relação léxico-imagética que se estabelece entre a imagem entextualizada e as narrativas de ambas publicações. Proponho, ao final, um novo construto teórico-analítico: a reeventualização (GONZALEZ, no prelo), categoria que emerge dos dados, posto que estes apontam para a criação de um novo evento. Destaco ainda que a ex-presidenta pode ter sido vítima de “ódio metonímico” (GONZALEZ, no prelo): grande parte do ódio contra o PT, talvez motivado pelo modo como a elite do atraso (SOUZA, 2017) sentiu-se ameaçada pelas conquistas da periferia, acabou vertendo-se sobre Dilma.

PALAVRAS-CHAVE: reeventualização, ódio metonímico, entextualização, Dilma Rousseff, impeachment

OS EFEITOS PERFORMATIVOS DO ESSENCIALISMO BIOLÓGICO DE GÊNERO NO DISCURSO CONTRA A CRIMINALIZAÇÃO DA TRANSFOBIA PELO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Nina Hanbury
UNIRIO
ninahanbury@gmail.com

Este trabalho pretende analisar os discursos online de feministas radicais que se posicionaram contra a criminalização da transfobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Os argumentos usados contra a inclusão da identidade de gênero no âmbito da Lei do Crime Racial (7716/89) baseiam-se na ideia de que esta categoria carece de concretude, diferente das outras categorias sociais contempladas pela lei. Problematizando esta distinção, entendo que todas as categorias sociais que gozam de uma “aparência de substância” se estabelecem por meio da performatividade linguística, teorizada por Judith Butler (1990; 1997) a partir de J.L. Austin (1962) e Jacques Derrida (1988). Seguindo desta perspectiva, a pesquisa se embasa na crítica do logocentrismo feita por Derrida, destacando a iterabilidade e citacionalidade como conceitos imprescindíveis para a consideração da historicidade das categorias sociais. Investigo então as formas em que o essencialismo biológico evocado em postagens de redes sociais feministas contribui para uma sedimentação do discurso hegemônico de gênero no contexto brasileiro. Para analisar os efeitos desses discursos biologizantes, me volto para os índices linguísticos sugeridos por Michael Silverstein (2003). As análises indicam que esta

articulação da categoria ‘gênero’ constitui uma manifestação de cissexismo com o efeito de negar às pessoas trans uma classificação gendrada, reduzindo estes sujeitos a classificações de sexo apenas.

Palavras-chave: performatividade, logocentrismo, transfobia, cissexismo, STF

Os *tweets* como gênero textual: uma análise do discurso político via internet

Rachel N. Strehle/ Ana Paula El-Jaick
UFJF

rachelstrehle@gmail.com/ anapaulaeljaick@gmail.com

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no âmbito de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Para essa apresentação vamos nos deter a uma das questões presentes na nossa futura dissertação, qual seja, os *tweets*, não só como gênero textual (BAKHTIN, 2011[1979]), mas também como (ao menos aparentemente) aquele escolhido para o discurso político contemporâneo. Assim, nosso objetivo maior é fazer uma discussão sobre gêneros textuais digitais e seu lugar no cenário político atual. Como objetivos específicos, queremos analisar: a natureza dos *tweets* como gênero (na medida em que os 280 caracteres iniciais não são um fim em si mesmo, gerando o que é conhecido como "efeito cascata". (cf. RECUERO, GRUZD, 2019; EASLEY & KLEINBERG, 2010)); o uso dos *tweets* como interação conversacional; e os efeitos de sentido possíveis na conjuntura política de nossos dias. Para tal, com base na análise do discurso foucaultiana, vamos analisar um *tweet* político e algumas das manifestações que estes engendram. Dessa forma, esperamos contribuir para os estudos discursivos desses novos gêneros midiáticos.

“Por isso falei que a gente tem uma missão acá no Brasil e no mundo profe” – práticas transidiomáticas numa interação de um grupo de WhatsApp de refugiados venezuelanos aprendizes de português no Rio de Janeiro”.

Michele Abreu Vivas
PUC-Rio
vivas.michele@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo analisar práticas transidiomáticas em um grupo de WhatsApp no qual interagem refugiados venezuelanos – residentes no Rio de Janeiro – aprendizes de português e duas de suas professoras, sendo uma delas a pesquisadora. Nesta cidade, a Cáritas/RJ, organismo da CNBB inserido nos trabalhos da Arquidiocese do Rio de Janeiro, compreende, com seu trabalho, diversos programas e projetos sociais - dentre eles, o Programa de Assistência a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES), fruto de uma parceria entre a Cáritas/RJ e o ACNUR. Nesse sentido, um dos amparos oferecido pelo PARES é o Curso de Português, planejado a partir de metodologias, conteúdos e práticas pedagógicas voltadas para a temática do refúgio. Dessa forma, este trabalho, a partir do campo dos estudos das práticas transidiomáticas (JACQUEMET, 2014 e 2016), sinalizará a frequente alternância de línguas num grupo de venezuelanos com significativa proficiência em português. Além disso, com o aumento cada vez mais intenso dos grandes deslocamentos

de pessoas pelo Brasil e pelo mundo, concepções de asilo, migração e refúgio (SOUZA, 2016 e JUBILUT, 2017) também serão importantes para este trabalho. A base metodológica da pesquisa alinha-se ao viés qualitativo e interpretativo (DENZIN & LINCOLN, 2006) de cunho etnográfico (KOZINETS, 1998), pois os dados foram gerados a partir de uma interação de um grupo de WhatsApp que ocorreu entre a pesquisadora e um grupo de refugiados venezuelanos, seus alunos de português. Os resultados apontam para constantes alternâncias entre português –portunhol – espanhol quando um tema (comum às histórias de vidas desse grupo) propicia uma rica discussão sobre a atual crise na Venezuela. A relevância deste trabalho consiste na busca de entendimentos e inteligibilidades sobre uma questão atual na América Latina no campo social e de estudos de práticas transidiomáticas no contexto de migração e refúgio.

Palavras-chave: Migração, Refúgio, Brasil-Venezuela, Práticas Transidiomáticas.

**Por uma conversa reflexiva:
avaliações discursivas em vias de conflito e de afeto entre professora e aluna**

Tarcício da Silva Nicácio
PUC-Rio
tarcicionicacio@gmail.com

Como forma de resistência a tempos de discursos carregados de ignorância, este estudo parte de uma pesquisa qualitativo-interpretativista pautada em uma conversa reflexiva entre uma professora formadora e uma aluna licencianda sobre suas experiências em torno do processo de formação docente. Em que pese a relação de poder institucional desse diálogo (FOUCAULT, 2014), o objetivo aqui é o de criar inteligibilidade sobre o espaço de formação docente como ato político e afetivo numa perspectiva discursiva (FREIRE, 1996; ORTEGA, 2000; ZEMBYLAS, 2003, hooks, 2013), com possibilidades de uma maior horizontalidade interpessoal. Diferentemente da intolerância flagrante de nossos dias, a concepção de conversa reflexiva aqui é alimentada pelas diretrizes teórico-práticas da Prática Exploratória (MILLER et al., 2008) no que se refere à busca por entendimento mútuo e qualidade de vida. Como aporte analítico, os dados preliminarmente gerados apoiam-se no Sistema de Avaliabilidade (MARTIN, 2000; MARTIN e WHITE, 2005; MARTIN e ROSE, 2007) pela Linguística Sistêmico-Funcional (GOUVEIA e ALEXANDRE, 2013; VIAN JR, 2009) e apontam instâncias discursivas nas categorias de Julgamento e de Afeto em vias de compreensão e respeito mútuos à medida que as participantes avaliam uma situação de conflito ocorrido entre elas.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional, Prática Exploratória, Formação Docente, Afeto, Política.

**Produção e análise de materiais didáticos de inglês em um pré-vestibular comunitário:
desafios na implementação de uma abordagem crítica**

Izabelle da Silva Fernandes
UFRJ

Na sociedade contemporânea, conforme destaca Seidholfer (2011), há uma demanda cada vez maior para que se ensine inglês em todo o mundo, conferindo-lhe um status de Língua Franca, isto é, usada em inúmeras interações comunicativas e culturais como idioma em comum dominado pelos interlocutores. Não é surpresa, portanto, a presença do inglês no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além de programas de cursos universitários país a fora. Tendo em vista o panorama descrito, o presente trabalho, de cunho qualitativo e interpretativista, visa problematizar, por meio da Análise do Discurso Crítica (PENNYCOOK, 2004), uma unidade didática por mim produzida, voluntariamente, para aulas de inglês em um pré-vestibular comunitário localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Tal contexto de pesquisa consiste em um curso reparatório gratuito para exames de vestibular, direcionado a aprendizes de baixa renda e local de “educação não-formal”, dado o fato de que não se insere no sistema educacional regido por lei. Trata-se, por conseguinte, de um profícuo ambiente para desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras (TRILLA, 2008). Ademais, os materiais didáticos em questão foram baseados nas chamadas epistemologias do Sul (CONNELL, 2007), em questões de descolonialidade (BALLESTRIN, 2013; MIGNOLO, 2009) e em perspectivas críticas para o ensino de inglês (FREEBODY, MUSPRATT & LUKE, 1997; TILIO, 2017). Espera-se que os dados analisados, constituintes de uma pesquisa de mestrado em andamento, contribuam para uma discussão acerca de políticas de inclusão social para o acesso ao ensino superior como, também, para a permanência de estudantes na universidade.

Palavras-chave: pré-vestibular, crítico, inglês, materiais didáticos.

(Re)Construções identitárias a partir de uma experiência de docência em parceria entre professores de francês e inglês

Bruna Gonçalves Pavan
PUC-Rio
brunapavam@yahoo.com.br

A presente pesquisa foi motivada por experiências vivenciadas no decorrer do trabalho interdisciplinar desenvolvido em parceria por mim, professora da disciplina de Francês, e por meu colega da disciplina de Inglês no âmbito de um projeto de correção de fluxo escolar, no colégio público federal no qual lecionamos. Segundo levantamento realizado pela instituição em 2017, 557 estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental se encontravam em situação de distorção idade/série, caracterizada pelo INEP por uma defasagem de no mínimo dois anos entre a idade do estudante e a prevista para a série. Com vistas a regular ou amenizar tal situação, propôs-se a busca por estratégias que permitissem que os estudantes avançassem no processo de escolarização. Diante das necessidades que tal contexto impunha, surge em 2018 o projeto de adequação idade-série, com proposta pedagógica direcionada às necessidades dos estudantes considerados, buscando resgatar a autoestima e a credibilidade em sua capacidade de aprendizagem. Inseridos neste cenário, um colega e eu, professores de inglês e francês respectivamente, desenvolvemos durante o segundo semestre letivo de 2018 um trabalho interdisciplinar aqui denominado “Docência em parceria”. Com o propósito de analisar, sob a ótica da Linguística Aplicada Contemporânea (LAC), os dados gerados em uma conversa reflexiva sobre nossa experiência, busco identificar no discurso nossas (re)construções identitárias experienciadas ao longo do ano letivo. Compreendo o trabalho

desenvolvido em parceria, no contexto em questão, como um importante movimento em direção a novos entendimentos a partir de uma prática inovadora; como motor de importantes reflexões acerca de nossas crenças a respeito do ensino-aprendizagem e do constante processo de reconstrução de nossas identidades docentes.

Referenciação e recategorização em uma carta de ameaça com motivação xenofóbica

Welton Pereira e Silva
UFRJ
weltonp.silva@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo analisar a forma como o sujeito enunciador de uma carta de ameaça com motivação xenofóbica constrói e reconstrói objetos de discursos durante o percurso argumentativo de seu texto. Amparados principalmente em alguns pressupostos teóricos da Linguística de Texto (CAVALCANTE; MATOS, 2006; SANTOS et al., 2016), bem como na Semiologia do Discurso (CHARAUDEAU, 2012; 2015), nos debruçamos sobre a análise de um texto veiculado na mídia e reconhecido como uma carta de ameaça. Notamos que, visando a se posicionar em uma relação antagônica diante dos destinatários da ameaça, vale saber, migrantes nordestinos, o sujeito enunciador constrói diferentes ethé discursivos. Por sua vez, os migrantes, vítimas da ameaça, são referenciados e recategorizados de diferentes maneiras, o que denota um projeto argumentativo, bem como julgamentos de valor de base axiológica, por parte do sujeito enunciador. Na carta, o sujeito enunciador procura apresentar os motivos que o levaram a tomar tal atitude passível de criminalização, a ameaça, a partir da imagem que constrói dos destinatários da carta.

Palavras chave: carta de ameaça, referenciação, argumentação, xenofobia.

Representação da mulher negra nas capas da versão brasileira da revista Glamour

Amanda dos Santos Moura
amanda.moura87@gmail.com
CEFET

A proposta do projeto é analisar a representação das mulheres afrodescendentes nas capas da revista Glamour, da chegada do título no Brasil, em 2012, até 2018. Com enfoque qualitativo, o projeto pretende ter um alcance descritivo/explicativo. Será determinado como a revista Glamour representa a mulher negra em suas capas e o objetivo será compreender as origens histórico-sociais deste cenário e as consequências dessa representação nas leitoras afrodescendentes. A população de estudo serão as mulheres negras que leem a revista Glamour. Já o corpus de análise constitui o discurso e as imagens da publicação, lançando mão de análise de discurso (MAINGUENEAU, 2015). A pesquisa tem um compromisso crítico de entender a responsabilidade da mídia em apresentar ao público, especialmente, as chamadas minorias sociais, e em construir para elas um lugar, como compreende Muniz Sodré: “o conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder” (SODRÉ, 2005, p. 1). Sob a ótica do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, a ideia é explorar o conceito central da representação (HALL, 1997, 2016) e compreender o papel da mídia nas sociedades, especialmente no que tange a naturalização da diferença racial, a subalternização do corpo negro e a padronização

da beleza. Para Tânia Hoff, por exemplo, o corpo na mídia “mutila-se, modifica-se, transforma-se e estetiza-se para servir como aporte de mercadorias/produtos e de conceitos/ideias” (HOFF, 2005, p.32-33). Os resultados parciais apontam para a produção/manutenção/construção de uma representação da mulher negra que raramente é protagonista quando se trata de beleza. É possível detectar, ainda, que as poucas modelos negras escolhidas, em geral, têm a pele clara e traços fenotípicos mais finos, mais próximas de um padrão de beleza eurocêntrico.

Palavras-chave: mídia; mulher negra; representação

Representações de gênero na Literatura Brasileira – uma abordagem computacional para os estudos do discurso

Flávia M da Rosa Pereira da Silva
PUC-Rio
flaviamrpsilva@gmail.com

Inspirada na sinergia proposta por Baker et al. em 2008, a pesquisa que desenvolvemos pretende demonstrar como os estudos com grandes *corpora* podem contribuir para os estudos do discurso feitos atualmente no Brasil. Tomando como objeto de exploração obras da literatura brasileira em domínio público (do século XIX ao início do século XX), compiladas em um corpus com cerca de 5 milhões de palavras, anotado morfossintaticamente, utilizamos ferramentas computacionais que permitem buscas com base em padrões léxico-sintáticos (Hearst, 1992), para identificar assimetrias, preconceitos e estereótipos na construção de identidades de personagens masculinas e femininas. O texto descorporificado (em formato digital) permite-nos fazer uma leitura não-linear (Freitas, 2018), que pode ser associada ao *distant reading* (Moretti, 2013), possibilitando a percepção de dados linguísticos que, numa leitura linear e mais próxima, poderiam passar despercebidos. Nossa análise se dá em duas frentes: identificar os qualificadores utilizados para caracterizar personagens femininos e masculinos e que ações são desempenhadas por ambos os gêneros. Por fim, iremos mostrar que é possível superar as dicotomias quantitativo x qualitativo e conteúdo x discurso em benefício das nossas pesquisas, e que tais divisões “são muito mais arbitrárias e castradoras do que úteis” (Santos, 2014).

Distant reading, Humanidades Digitais, Linguística de Corpus, mineração de textos, discurso.

“Só porque sou branquinha?” e vazante: Sobre Branquitude, Entextualizações e Fragilidade Branca

Ricardo Pinheiro de Almeida
UFRJ/UCB
ricardo.pinheiro.almeida@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar os embates textuais precipitados por duas polêmicas: (1) uma declaração feita em 2013 pela modelo/atriz Fernanda Lima, e (2) um texto-resposta da diretora Daniela Thomas relativo às críticas que seu filme *Vazante*, de 2017, recebera. Em ambas as situações em tela ocorreram manifestações de racismo em sua forma

mais escorregadia: a discursiva, visto que está imbricada à linguagem, nossa opaca e inescapável contraface constituinte e constituidora da vida social. Nessa perspectiva, acreditamos que os Estudos da Linguagem podem contribuir para a luta contra o racismo e, em vez de provar sua existência, tornar visíveis suas engrenagens discursivas em contínua operação. Para a realização deste trabalho, lançamos mão de um paradigma qualitativo de fazer pesquisa. Buscamos textos publicados em páginas da internet – jornais, revistas e blogs – a respeito das referidas polêmicas e selecionamos quatro. A análise dos textos foi pautada nos seguintes conceitos: entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990), trajetória textual (BLOMMAERT, 2010; MAYBIN, 2017), indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976) e branquitude (BENTO, 2014; SCHUCMAN, 2011; SOVIK, 2009). Partindo do pressuposto maior de que todo dizer é um fazer (AUSTIN, 1960), então, em vez de buscarmos compreender o que significa(ra)m a declaração polêmica de Fernanda Lima e o igualmente polêmico texto de Daniela Thomas, a pergunta que nos orientou foi: o que esses textos fizeram? Ao questionar “Só porque sou branquinha?” e ao defender seu filme das críticas quanto ao esvaziamento da questão escravagista, consideramos que tanto a Fernanda Lima quanto Daniela Thomas entextualizam ideias racistas em seus discursos, não apenas buscando mitigar a nociva prática do racismo, como também indexalizando a fragilidade branca (DIANGELO, 2011), uma das forças-motoras da branquitude.

Palavras-chave: Discurso, Sociedade, Relações Étnico-Raciais, Linguística Aplicada.

SEXO, SAÚDE E RELIGIÃO: a perigosa trinca discursiva que fomentou a Caça às Bruxas continua se atualizando nas interações contemporâneas.

Clarissa França
PUC-Rio
clarissafranca@outlook.com.br

O apogeu da Caça às Bruxas, na Idade Moderna europeia, nutriu-se dos conflitos no campo do discurso religioso, fomentados por movimentos como a Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica; da falta de circulação de informações no campo do discurso de saúde, que colocava em um mesmo caldeirão curandeiras, feiticeiras, bruxas e benzedoras; das interdições no campo do discurso sobre sexualidade e desejo. Naquele cenário de barbárie e crueldade, que não pode ser esquecido, mulheres eram torturadas até “confessarem” pactos com demônios, a fim de seduzirem homens inocentes, gerarem filhos monstruosos, ou circularem nuas e voarem montadas em vassouras – uma metáfora suficientemente elucidativa para a repressão da sexualidade feminina. Atualmente, apesar de não ser mais comum vermos corpos de mulheres arderem em fogueiras nas praças, a trinca discursiva que silenciou o desejo da mulher durante séculos deixou um legado de medo, vergonha e desinformação em seus discursos e práticas, que pode confinar suas narrativas íntimas às “novas curandeiras”: as médicas de mulheres. Além disso, o papel de instrumento de controle, antes exercido pelo Tribunal da Inquisição, pode agora ser desempenhado por discursos sexistas sobre “o comportamento feminino”, “o que é ser mãe” ou “o papel da mulher na sociedade”. Discursos esses muitas vezes adotados e disseminados pelas próprias mulheres vítimas de opressão de gênero. Ou seja: elas continuam indo para a fogueira “voluntariamente”, para expiarem suas culpas. A alegoria aqui traçada, uma aproximação entre a repressão sexual feminina e as acusações de bruxaria que executaram muitas de nós, será a chave de leitura para a análise de uma narrativa coconstruída em interação médica-paciente, sobre as dificuldades de lidar com o desejo sexual na meia idade, após a

maternidade e a partir de um modo de vida guiado pela moral cristã. O discurso da paciente, que parece vir em busca de um “unguento do amor”, é perpassado, ainda, por importantes marcadores sociais (de gênero, raça, classe, faixa etária), que o inscrevem no contexto pós-colonial brasileiro. Já as falas da médica sugerem que ela não interpretou a narrativa no enquadre consulta médica, mas como uma tentativa de conversa espontânea, conduzindo a história a um desfecho inefetivo.